

A psicanálise e os psicanalistas: (in)tensões com a crítica

Luiz Fellipe Almeida, Enzo C. Pizzimenti e Ivan Ramos Estêvão

Resumo

No dia 17 de novembro de 2019, Paul B. Preciado inquietou psicanalistas que estavam presentes na 49ª Jornada da Escola da Causa Freudiana em Paris. Denunciando o que considera ser um apego político da psicanálise ao patriarcado e suas normalizações opressoras, o filósofo fez um apelo para que os lacanianos ali presentes revisassem suas bases epistemológicas e seus tributos à cultura. A partir das respostas que tal intervenção promoveu entre analistas, busca-se neste artigo uma reflexão sobre limites, possibilidades e tensionamentos suscitados pelo encontro da psicanálise a críticas externas a seu campo. Propomos que a consideração dos paradoxos que nos fundam e que nos põem em crise epistemológica e política permanente é uma disposição consoante com nossa própria especificidade discursiva.

Palavras-chave:

Psicanálise; Epistemologia; Jacques Lacan.

Psychoanalysis and psychoanalysts: (in)tensions with criticism

Abstract

On November 17, 2019, Paul B. Preciado unsettled psychoanalysts who attended the 49th Journées de L'École de la Cause Freudienne in Paris. Pointing out what he considers to be a political attachment of psychoanalysis to patriarchy and its oppressive normalizations, the philosopher made a request for lacanian psychoanalysts to review their epistemological bases and their relations with the culture. Based on the responses that such intervention promoted among analysts, this article seeks to reflect on the limits, possibilities and tensions raised by the encounter of psychoanalysis with criticisms external to its field. We propose that the consideration of the paradoxes that found us and that put us in permanent epistemological and political crisis is a disposition according to our own discursive specificity.

Keywords:

Psychoanalysis; Epistemology; Jacques Lacan.

Psicoanálisis y psicoanalistas: (in)tensiones con la crítica

Resumen

El 17 de noviembre de 2019, Paul B. Preciado inquietó a los psicoanalistas que estuvieron presentes en la 49^o Jornada de la Escuela de la Causa Freudiana en París. Denunciando lo que él considera un apego político del psicoanálisis al patriarcado y sus normalizaciones opresivas, el filósofo pidió a los lacanianos presentes allí que revisen sus bases epistemológicas y sus tributos a la cultura. Con base en las respuestas que dicha intervención promovió entre los analistas, este artículo busca reflexionar sobre los límites, las posibilidades y la tensión que plantea el encuentro del psicoanálisis con críticas externas a su campo. Proponemos que la consideración de las paradojas que nos fundan y que nos ponen en crisis política y epistemológica permanente es una disposición de acuerdo con nuestra propia especificidad discursiva.

Palabras clave:

Psicoanálisis; Epistemología; Jacques Lacan.

La psychanalyse et les psychanalystes : (in)tensions avec le critique

Résumé

Le 17 novembre 2019, Paul B. Preciado a inquieté les psychanalystes qui étaient présents aux Journées 49 de L'École de la Cause Freudienne à Paris. Dénonçant ce qu'il considère comme un attachement politique de la psychanalyse au patriarcat et à ses normalisations oppressives, le philosophe a appelé les lacaniennes présents là à revoir leurs bases épistémologiques et leurs tributes à la culture. À partir des réponses qu'une telle intervention a suscitées auprès des analystes, cet article cherche à réfléchir sur les limites, les possibilités et les tensions soulevées par la rencontre de la psychanalyse avec des critiques extérieures à son domaine. Nous proposons que la prise en compte des paradoxes qui nous ont foudés et qui nous mettent en crise épistémologique et politique permanente soit une disposition selon notre propre spécificité discursive.

Mots clés:

Psychanalyse; Epistemologie; Jacques Lacan.

Naturwissenschaften: é nessa palavra composta do alemão que Freud diz da sua pretensão para a psicanálise, pensando nela como a única opção. Uma ciência da natureza também, para ele, é uma ciência do homem. Se daí podemos pensar em um “naturalismo” freudiano, por outro lado, pode-se suspeitar também de um esforço em dizer da psicanálise em um campo rigoroso de estudo, com pretensão universal. Mas estar dentro de um campo amplo dentro da ciência não faz Freud menos fiel ao seu objeto. Freud mantém essa fidelidade a ponto de tensionar o pertencimento da psicanálise às *Naturwissenschaften*.

Conceituando um objeto inusitado — as formações do inconsciente — com uma dificuldade adicional, qual seja, de que a aproximação desse objeto conduz, na maioria das vezes, ao repúdio do próprio pesquisador pelo objeto, Freud aponta as dificuldades que a psicanálise sofre. Não se trata apenas de se produzir um campo epistemológico harmônico que sirva para estabelecer um método de pesquisa, uma técnica de tratamento e um sistema teórico, mas ainda de ter de se haver com aquilo que não pode ser dito no íntimo de cada um.

Lacan (1962-1963/2005, p. 26) remete a esse problema no seminário X: “O que é ensinar, quando se trata justamente de ensinar o que há por ensinar não apenas a quem não sabe, mas a quem não pode saber? (...) todos aqui estamos no mesmo barco, dado aquilo de que se trata”. Lacan fala aqui de dois pontos: da necessidade da instabilidade para se transmitir a psicanálise e da dificuldade adicional para fazê-lo.

O que nos traz a um problema a ser pensado neste artigo: como lidar com o fato de que a psicanálise precisa estar em uma relação de tensão com outros campos do saber, debatendo e dialogando, criticando e sendo criticada — o que nos arriscamos dizer que é vital, sob o risco da psicanálise ficar girando sobre si mesma e estagnada — ao mesmo tempo que não pode se deixar submeter aos outros campos, nem se tornar um saber secundário em busca de um reconhecimento social, acadêmico e/ou comercial — perigo sempre presente, ao qual o psicanalista deve estar atento.

Especialmente, a psicanálise sofre do paradoxo de visar ao universal enquanto reivindica sua particularidade, isto é, almeja as condições da transmissibilidade condicionada pelo que a elas escapa. Inscrita no espaço e no tempo, a disciplina que Freud concebeu tenta dar conta de uma teoria sobre o humano a partir das falas que saem de um meio social e de uma época. Assim, cria-se um dilema em que o psicanalista está sempre envolvido: a busca por poder dizer de um saber que seja universal e não datado, ao mesmo tempo em que lida com uma semiologia e um espectro semântico invariavelmente datado. Pergunta derivada daí: cabe mudar os vocábulos que dizem dos conceitos em certos momentos (e, depois de Lacan, sabemos da importância dos significantes usados) ao mesmo tempo em que esses mesmos vocábulos estão em uma relação conceitual e marcados dentro de um escopo teórico?

Por exemplo: é sabido que Freud importa diversos conceitos da medicina de sua época. Trauma, patogenia, sintoma, neurose, todos fazem parte do campo semântico da medicina e foram apropriados pela psicanálise de formas específicas. A ideia de “sintoma” na medicina estava bem mais próxima do uso desse conceito em psicanálise no princípio da conceituação freudiana, mas modificou-se ao longo da obra, assumindo aspectos bem diferentes e tornando-se outra coisa, dando margem a usos conflitantes do termo. Vale ainda manter o termo ou ele diz de algo datado que mais confunde do que ajuda?

Há vários exemplos nesse sentido: vale manter o vocábulo “perversão”? E “esquizofrenia”, tendo em vista a problemática estrutural? Causa confusão quando o psicanalista fala de uma estrutura psicótica esquizofrênica quando esses dois vocábulos são usados de formas diferentes pela psiquiatria, remetendo sempre a uma doença mental, e não a uma forma estrutural. Marcamos esse ponto, pois essa acusação de que a psicanálise fala de modo datado, achando que diz de um universal, passa pelo campo semântico que ela adota, além da própria ideia de como os conceitos e a clínica são pensados, o que não implica que a psicanálise tenha o poder de neutralizar questões metafísicas e ideológicas carregadas pelos termos que incorpora.

Um dos momentos desse diálogo tenso foi a fala de Paul Beatriz Preciado na 49ª Jornada da Escola da Causa Freudiana em novembro de 2019, na qual cobrou uma posição dos psicanalistas lacanianos que lá estavam. O que ele criticou parte de uma densidade de experiência transexual — ponto nada unísono na psicanálise, diga-se — e de um apelo à revisão de nossos modos de pensar o corpo e o sexo: “O que lhes peço é o reconhecimento de uma posição de enunciação política, em um regime de poder hétero-patriarcal e colonial”. Concorde-se ou não com ele, é bem aí que mira sua provocação, porquanto ela duvida de nossa suposta isenção política. Donde as diferentes respostas que recebeu pela internet, fonte da reflexão desse texto.

Assim, objetivamos aqui discutir as possibilidades e os limites que o tensionamento causado por discursos marcadamente exteriores à epistemologia psicanalítica laciana pode produzir no interior dos debates psicanalíticos, estejam eles postos em espaços como as escolas de psicanálise, bem como em universidades e laboratórios de pesquisa. De maneira mais específica e pontual, buscaremos retomar a constituição do campo psicanalítico em Freud e Lacan, com sua metodologia e objeto específicos, com o intento de cernir indicações quanto à possibilidade periclitante tanto da submissão irrestrita a outro campo epistêmico, como da tentativa de submeter outros saberes a uma primazia discursiva da psicanálise.

Trata-se, desta forma, de uma proposta de reflexão coerente com o legado freudiano quanto à necessidade de tensionar os limites da porosidade que a psicanálise possui em relação aos outros campos do saber, não sem perder de vista que seu objeto, admitido na base do trabalho cotidiano de um psicanalista, possui “uma

estrutura que informa do estado de fenda, *Spaltung*, em que o psicanalista a situa em sua práxis” (Lacan, 1965-1966/2018, p. 11). Este é nosso ponto ético de partida. Isso posto, visa-se interrogar o que dessa divisão se atualiza como abertura que desde Freud não cessa de se fechar às diferenças (Lacan, 1965-1966/2018).

Para esse fim, utilizaremos a discussão com Preciado na Escola da Causa Freudiana. Ao longo do artigo, lançaremos mão de argumentos produzidos em resposta a essa intervenção a fim de trabalhar tanto os elementos destacados pelos autores quanto os caminhos propostos por alguns destes. Acreditamos que a emergência de um debate dessa qualidade pode nos ajudar a refletir sobre a forma com que determinadas (sub)correntes da psicanálise e determinados psicanalistas manifestam sua disponibilidade frente à máxima lacaniana de que se “deve renunciar à prática da Psicanálise todo analista que não conseguir alcançar, em seu horizonte, a subjetividade de sua época” (Lacan, 1953/1998, p. 382).

Pensamos que Preciado (2019), de alguma forma, evoca esse dizer, ainda que sua psicanálise não seja a mesma que a nossa. Isso posto, intentamos, com o presente artigo, retomar e afirmar as bordas e os princípios do campo, advertidos de que se trata de *uma* leitura da psicanálise lacaniana ao considerar pertinente a interlocução com intervenções como as do filósofo espanhol. Repensar os paradoxos que nos fundam e que nos põem em crítica epistemológica e política permanente é a proposta deste artigo.

Preciado apreciado

O efeito causado pela intervenção de Preciado (2019) na 49ª Jornada da Escola da Causa Freudiana, em novembro de 2019, refletido na excitação da plateia do evento e nas repostas de psicanalistas pela internet, evoca os perigos da comodidade, do dogmatismo e da precipitação acolhedora que rondam a doutrina e seus praticantes. Cada postura é mais bem apreciada quando se distingue o nível em que a crítica é tomada: seja na psicanálise — qual psicanálise e qual leitura específica —, seja nos psicanalistas, enquanto promotores desse saber.

Preciado (2019) ataca ambos, na medida em que denuncia uma teoria edificada sobre a primazia patriarcal heteronormativa, por um lado, e os agentes dessa consolidação, por outro. Além disso, interroga os efeitos desse saber considerado colonial nas práticas institucionais, lançando uma provocação que não pode ser menosprezada, considerando-se a patologização que imperou durante décadas em várias instituições, inclusive a IPA (Bulamah & Kupermann, 2018): “quantos de vocês se definem hoje, inclusive aqui mesmo, nesta Escola da Causa Freudiana, publicamente, como psicanalista homossexual?” (Preciado, 2019). Sabemos que a homossexualidade enquanto defesa contra a diferença sexual (Melman, 2005) ou a transexualidade como rejeição do discurso sexual, caindo necessariamente na psicose (Morel, 1996), ainda persistem no século XXI.

Para o filósofo espanhol, desde Freud, a mulher é apenas um anexo, nota de rodapé, “uma criatura estranha e exótica entre as flores”, enquanto o homem goza da centralidade que o confunde com o sujeito da enunciação universal: “É por isso que vocês têm a necessidade, ainda em 2019, de uma jornada para falar das mulheres em psicanálise” (Preciado, 2019). Apesar da tecnologia construtivista e política que defende, sua leitura da psicanálise ignora o ponto mais fundamentalmente subversivo da posição freudiana desde os “Três ensaios” — o pulsional e o singular — e insiste na totalização do simbólico e na essencialização da dualidade: “Minha hipótese é que Lacan não conseguiu desfazer-se do binarismo sexual, por conta de seu apego político ao patriarcado heterossexual. Essa desnaturalização estava conceitualmente em marcha: ele mesmo, não estava pronto” (Preciado, 2019).

A despeito desse viés e do descabimento de sua consideração da noção de diferença sexual e do complexo de Édipo como aberrações semelhantes à sustentação do terraplanismo, as acusações de Preciado (2019) versam sobre as questões epistemológicas e políticas na produção de saber e na práxis psicanalíticas: “Os psicanalistas são epistemologicamente e politicamente ainda binários e heterossexuais, até que o contrário seja dito ou denunciado. E temos tido hoje aqui uma prova” (Preciado, 2019).

Se sabemos que tal crítica pode ser dispersada com algumas voltas pelos esforços de formalização de Lacan, isso não basta para nos deixar tranquilos quanto à participação da psicanálise na reprodução patriarcal e heterocêntrica do que Preciado chama de “epistemologia política do corpo” (Preciado, 2019). Por exemplo: qual o peso político de seguirmos com a “genealogia patriarcal do nome” (Preciado, 2019) e sobrepormos a metáfora biológica, outra construção social, às posições sexuais? Trata-se, sem dúvida, de inserções discursivas a partir da falha que comanda a linguagem — se Lacan é efetivamente lido pela via negativa da paraconsistência lógica —, mas por que dar dignidade conceitual a significantes já tão marcados na cultura?

Respondendo a Preciado, Alfredo Eidelsztein (2019) publicou um texto em seu site em que retoma as funções que *Pater* (Nome-do-Pai), *Mater* (mãe), falo, homem, mulher e criança adquirem no pensamento de Lacan, frisando que o gozo não é propriedade. Ao contrário, tem a ver com contingência e diferença, e não com posse e substância, “o que já impede supor a perduração em suas concepções [de Lacan] de qualquer biologismo, machismo ou sexismo” (Eidelsztein, 2019).

Assim, a crítica de Preciado é rebatida pela perspectiva intercambiável do signifiante, o que implica mais sua mutabilidade contextual do que em sua utilidade identitária, o que, a despeito do estrutural, não nos impede de perceber que “alguns resultados requerem retificação, solução ou cura devido ao sofrimento excessivo que acarretam” (Eidelsztein, 2019).

Ainda nesse debate, Jean-Claude Maleval (2019) ressalta o alerta trazido pelo filósofo espanhol acerca da dogmatização da psicanálise, sua “necessidade de evolução permanente”, especialmente no que diz respeito à reprodução de padrões institucionais ainda desconexos com as mudanças nos modos de gozo deste século e ainda entrelaçados com o discurso da psiquiatria (Maleval, 2019).

Quinet (2019) precisa que as críticas de Preciado tomaram a psicanálise a despeito de suas várias correntes e subcorrentes: “a psicanálise permanece revolucionária, sim, independentemente dos psicanalistas”. Dessa afirmação, é possível derivar que o que fazemos da crítica é responsabilidade que nos interroga no cerne da própria especificidade do discurso que promovemos.

Porosidades, limites e torções

Ao contrário do que versam muitos opositores à psicanálise, o que se verifica, neste início de século, é uma constante implicação da psicanálise em debates em diversas cenas epistemológicas, sociais e políticas. A despeito de às vezes não ser lida de maneira rigorosa por seus críticos, a psicanálise segue gerando incômodo para aqueles que tentam cercar o movimento humano em nome de normatizações e princípios organicistas e/ou comportamentais que têm, muitas vezes, seu ponto de apoio e encontro na moralização dos costumes (Soler, 2011). Entretanto, cabe a ressalva de que não raro são os próprios analistas que, de maneira decidida ou irrefletida, resistem ao discurso analítico.

Por outro lado, onde justamente a psicanálise poderia encontrar proximidade com leituras que interpretam o humano em sua potência e fluidez, como no caso de Preciado (2019), as barreiras epistemológicas que aí se impõem podem suscitar seja a recusa precipitada, seja o interesse em considerar a dimensão política do debate. É importante estarmos atentos ao senso de urgência e de responsabilidade ante a possibilidade de estarmos reproduzindo sem reflexão, repetindo sem compreensão, reforçando sem intenção.

A necessidade do campo de se ressituar de tempos em tempos, a partir da orientação epistemológica inaugurada por Freud e de certa forma reconstruída por Lacan, diz de sua própria definição. Estudo e intervenção coincidem — mais do que isso, suportam o paradoxo de que “a técnica que serve a uma contradiz, a partir de certo ponto, o outro” (Freud, 1912/2010, p. 114). Como afirmam Perge, Chaumon, Lèrès, Plon, Bruno e Aouillé (2015, p. 9) no “Manifesto pela Psicanálise”, cumpre lembrar que “as críticas a ela endereçadas não são novas: desde seu advento, a descoberta freudiana suscitou desconfiança nessa parte do humano sempre empenhada em desfrutar do seu domínio sobre o outro, em proteger sua ilusão de controle”. Entretanto, é aí que os próprios psicanalistas, aparentemente tranquilos em sua suposta prerrogativa do não-todo, são interpelados por Preciado (2019).

Com efeito, como tão bem afirmam os referidos autores, há que se estar atento, até mesmo os psicanalistas, com possíveis reações que vão de encontro às proposições da psicanálise e sua relação íntima com uma verdade que não cessa de não se dizer em sua totalidade. A forma como reagimos indica a psicanálise que queremos, isto é, implicada ou não no repúdio da burocratização e da exclusão que marcaram sua história e ainda persistem em certos contextos.

A intervenção de Preciado (2019) operou como um chamamento a alguns analistas, para que estes pudessem dizer seus posicionamentos, buscando apontar, assim, a especificidade da psicanálise enquanto campo do saber com um objeto e método de trabalho específicos. Isso posto, pode-se apreender que, como em 2003 — momento em que psicanalistas franceses foram convocados a fazer frente a um projeto de lei que tinha como intento “proteger a população do charlatanismo”,¹ destinando à psicanálise um lugar seguro e silenciado sob o genérico guarda-chuva das psicoterapias —, a psicanálise tem, até mesmo entre os lacanianos, “profundas divisões quanto às respostas a serem dadas ao projeto de lei”, reflexo da ambiguidade que Lacan nos relegou e da própria estrutura fendida da doutrina.

Guardadas as devidas proporções, o que podemos verificar, de novembro de 2019 para cá, é o mesmo fenômeno plural de respostas, pontos de vista e relevância dados ao que Preciado (2019) arguiu sobre a psicanálise e sua “epistemologia política do corpo” (Porge et al., 2015, p. 11). Estar à altura de nosso tempo, no que isso implica de *savoir-faire* entre os fundamentos epistemológicos e éticos e as influências do social, parece ser aquilo a que essas críticas de fora da psicanálise nos convoca. Menos sustentada como instrumento cosmológico atemporal que um paradigma de pensamento no espaço e no tempo, “a relação da psicanálise com o espaço social se inscreve na mesma superfície moebiana que a do espaço social com a psicanálise. Por isso, um perigo para a psicanálise também o é para a sociedade” (Porge et al, 2015, p. 16).

Por mais que se considerem impertinentes ou incorretas leituras que vêm provocar os ecos patriarcais e heteronormativos da psicanálise ou dos psicanalistas, quanto mais as negamos, mais nos aproximamos do que, no outro, é criticado:

Nada mais ideológico do que presumir que o campo psicanalítico esteja, por si mesmo, a salvo da ideologia ou que a metafísica provenha das impurezas externas, de natureza filosófica, ou das impurezas internas, resultan-

1 “Em outubro de 2003, no debate de um projeto de lei de saúde pública na Assembleia Nacional, o deputado Bernard Accoyer apresentou uma emenda que, sob o pretexto de proteger o público dos ‘charlatães’ e garantir que os psicoterapeutas tivessem uma formação controlada, englobava os psicanalistas nessa denominação genérica. Foi o início do que então ficou conhecido como ‘o caso Accoyer’, que provocou forte mobilização dos psicanalistas e trouxe à luz suas profundas divisões quanto às respostas a serem dadas ao projeto de lei” (Porge et al., 2015, p. 11)

te da má compreensão dos psicanalistas, da falta de rigor ou de extravios de seu campo. (Dunker, 2017, p. 4)

Nesse sentido, a psicanálise, embora se distinga por tomar a verdade por sua incompletude, não necessariamente se isentaria do papel político que carrega ao reproduzir opressões e normalizações, tanto nas práticas institucionais como em sua epistemologia. Afinal, qualquer enunciação se constitui enquanto verdade parcial, mesmo aquela que diz que não há metalinguagem. O argumento ardiloso de que, por ser um discurso pautado pela ética da singularidade, a psicanálise estaria imune à parcialidade é por si só sintomático da própria negação do princípio da diferença que organizaria sua potência desalienante e que deveria nos tornar capazes de reconhecer nosso próprio relativismo. Se a *diferença* — a sexual, que, por extensão, se define epistemologicamente sem o adjetivo — é exatamente a lacuna que separa o saber de sua verdade, a recusa radical do objeto à sua representação, por que o discurso assim ciente dessa evanescência moebiana estaria, no entanto, imune à ficcionalidade necessária do próprio saber que profere? Por que negaria sua historicidade e seus tributos enunciativos à história? O paradoxo formal de qualquer desconstrução de sentido, quando voltada a si mesma para se fazer compreendida, é aqui instrutivo quanto à *indeterminação*, à *convencionalidade* e à *provisoriedade* de um campo, conforme o vocabulário epistêmico do próprio Freud (1915/2010, p. 39) nos dois primeiros parágrafos de “As pulsões e seus destinos”.

Referências bibliográficas

- Bulamah, L. C., & Kupermann, D. (2018). A proscrição da homossexualidade masculina na história do movimento psicanalítico institucionalizado. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 21(3), 301-311.
- Dunker, C. I. L. (2017). O esquecimento da ontologia e as tendências metafísicas do lacanismo contemporâneo. *Academia.edu*. Recuperado de <https://tinyurl.com/tg7q7jm>.
- Eidelsztein, A. (2019). Diferentes posiciones psicoanalíticas frente al sexo, la sexualidad y el género. Recuperado de <https://tinyurl.com/vksbyn>.
- Freud, S. (2010). Recomendações ao médico que pratica a psicanálise. In S. Freud. *Obras Completas, volume 10: observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“o caso Schreber”), artigos sobre técnica e outros textos (1911- 1913)* (P. C. de Souza, Trad.) (vol. 10, pp. 111-122). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1912)
- Freud, S. (2010). Os instintos e seus destinos. In S. Freud, *Obras Completas, volume 12: introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos*

- (1930- 1936) (P. C. de Souza, Trad.) (vol. 12, pp. 38-60). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915)
- Quinet, A. (2019). O psicanalista Antonio Quinet comenta a fala de Paul Preciado na ECF. Recuperado de <https://youtu.be/AvgykxWiV4k>
- Lacan, J. (1998). Função e campo da fala e da linguagem. In J. Lacan, *Escritos* (Vera Ribeiro, Trad.) (pp. 238-324). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho originalmente publicado em 1953)
- Lacan, J. (2005). *O Seminário, livro 10: a angústia* (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1962-1963)
- Lacan, J. (2018). *O seminário 13: o objeto da psicanálise*. São Paulo: Fórum do Campo Lacaniano Brasil. (Trabalho originalmente publicado em 1965-1966)
- Maleval, J.-C. (2019). Quand Preciado interpelle la psychanalyse. *Lacan quotidien*, (856). Recuperado de <https://tinyurl.com/r9dnhx5>.
- Melman, C. (2005, 1 de outubro). Psychanalyse : défense et illustration, par Charles Melman. *Lemonde.fr*. Recuperado de <https://tinyurl.com/vf2em73>.
- Morel, G. (1996). Anatomia analítica. In J. Forbes (Org.). *Psicanálise: problemas ao feminino* (pp. 119-132). Campinas: Papirus.
- Porge, E. et. al. (2015). *Manifesto pela psicanálise* (Clóvis Marques, Trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Preciado, B. P. (2019). Intervention lors des Journées 49 de l'Ecole de la Cause Freudienne "Femmes en psychanalyse", le 17/11/2019. Recuperado de https://youtu.be/vqNjbZR_Q.
- Soler, C. (2011). *O que faz laço?* (Elisabeth Saporiti, Trad.). São Paulo: Escuta.

Recebido: 15/06/2020

Aprovado: 01/12/2020